

## Universidade inaugura escritório de representação na Itália



Primeiro escritório de uma instituição brasileira de ensino na Itália, a representação da UERJ vai operar como base de atuação da Universidade na Europa e reforçar a internacionalização das ações acadêmicas, um destaque da gestão institucional nos últimos anos. Localizado em Villa di Stabie, cidade no sul da Itália, o escritório funcionará temporariamente no Instituto Vesuviano, que abriga a Fundação Restoring Ancient Stabiae (RAS) e possui estrutura com salas de trabalho e de aula e espaço para hospedagem de pesquisadores.

> Página 5

## Proposta pretende melhorar atendimento à saúde na Baixada Fluminense

Prefeitos dos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, São João de Meriti e Seropédica procuraram a UERJ para organizar uma proposta de ampliação e reestruturação da rede de atenção básica na região da Baixada Fluminense. Assim, a Universidade, o Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense (Cisbaf) e os secretários de saúde desses 11 municípios elaboraram um projeto que será apresentado à Presidente Dilma Rousseff e ao Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, para a obtenção de recursos.



> Página 11



## UERJ em Questão chega ao número 100

Vinte e cinco anos depois do seu primeiro número, na gestão do Reitor Ivo Barbieri (1988-1992), o jornal oficial da Universidade chega à centésima edição. Criado pelo primeiro reitor eleito pelo voto direto, o *UERJ em Questão* se firmou como meio de divulgação científica ao longo dessas duas décadas e meia. Sobre a criação do periódico, o professor Ivo Barbieri conta que “o *UERJ em Questão* não foi criado com o propósito de ser um instrumento da Reitoria, mas sim como um informativo que, conforme o próprio nome sugeria, colocasse em discussão questões referentes à Universidade”.

> Poster central

### Encontro de historiadores

O 3º Encontro do Grupo Trabalho Intelectual, Pensamento e Modernidade na América Latina – séculos XIX e XX debateu o tema “Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições”.

> Página 2

### Mestrado profissional no CAp

O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) abriu edital para mestrado profissional de Ensino em Educação Básica, seu primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*. O curso tem 20 vagas e as aulas começam em 2014.

> Página 4

### Ensino de Astronomia

O planetário inflável da UERJ fez sua primeira exibição em junho para alunos da Escola Municipal República Argentina. Adquirido com verba da FAPERJ, a proposta é auxiliar no ensino de Astronomia.

> Página 6



## &gt; EDITORIAL

## A centésima edição

É sempre motivo de celebração chegar ao número 100. Há 25 anos, em abril de 1988, começava a circular na Universidade o primeiro número do *UERJ em Questão*. Desde então, o jornal passou por várias versões: já foi publicado em preto e branco, em cores, em formato revista, teve periodicidades diferentes e desde 2010 é este tabloide bimestral com 16 páginas, em quatro cores. Em duas décadas e meia em circulação, o jornal preserva um arquivo precioso da história recente da Universidade. Nesta edição que comemora o número 100, o *Em Questão* reproduz trechos dessa história em uma matéria especial e destaca a importância da divulgação científica para produções resultantes de pesquisas desenvolvidas na Universidade.

O leitor vai conhecer também o escritório da UERJ inaugurado na Itália, o primeiro de uma instituição brasileira de ensino naquele país, que vai operar como base da Universidade na Europa e reforçar o processo de internacionalização das ações acadêmicas. O escritório vai funcionar inicialmente no prédio do Instituto Vesuviano, que possui estrutura com salas de aula e de trabalho, além de espaço para hospedar pesquisadores. Outra matéria mostra os resultados da 24ª edição do UERJ sem Muros, que durante cinco dias de setembro apresentou a alunos, professores, técnico-administrativos e ao público externo a produção acadêmica nas diversas áreas do conhecimento envolvendo ensino, pesquisa, extensão e cultura. Destacam-se também nesta edição alguns projetos dos quais a UERJ faz parte, como a proposta de reestruturação do serviço de atenção básica à saúde na Baixada Fluminense para melhorar o atendimento à população. Uma aquisição da Universidade que vai contribuir para o ensino de Astronomia é tema de outra matéria: o planetário inflável, que pode ser montado, desmontado e carregado para diversos locais com facilidade, comprado com verba da FAPERJ, vai ajudar no aprendizado e na formação de estudantes, inclusive de escolas públicas da cidade e do estado.

Nos últimos meses o *campus* Maracanã sediou eventos diversos, como o encontro de historiadores especialistas em América Latina que debateu o tema “Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições – dos processos de independência à globalização”, e o seminário “CaMP! – Arte e Diferença”, realizado em parceria com a UFRJ, que reuniu mostra de filmes, exposições, debates e palestras em discussões sobre a diversidade cultural e suas manifestações artísticas. Também estiveram na Universidade as autoras do livro *Violência Doméstica em Moçambique*, Rosa Langa e Leonor Domingos, que apresentaram o livro com relatos de mulheres e homens que sofreram (e sofrem) algum tipo de violência doméstica naquele país. Outra matéria em destaque trata do acolhimento institucional de menores, objeto de projetos de pesquisa e extensão na Universidade: investigações sobre o tema demonstram que os abrigos podem ser positivos para as crianças e adolescentes que passaram por situações complexas com a família, mas argumentam que o tempo prolongado nesses locais pode causar prejuízo aos menores. Esta edição também noticia a participação da EdUERJ na Bienal do Livro e o início do mestrado profissional de Ensino em Educação Básica do CAP-UERJ. Comemore esta edição nº 100 com uma boa leitura!

## Universidade sedia encontro de historiadores especialistas em América Latina



Mesa de abertura: professores Hugo Cancino Troncoso, Lená Medeiros, Ricardo Vieiralves, Ricardo Lima e Edna Maria dos Santos

Entre os dias 27 e 29 de agosto a UERJ recebeu o 3º Encontro do Grupo Trabalho Intelectual, Pensamento e Modernidade na América Latina – séculos XIX e XX, vinculado à Associação Europeia de Historiadores Latino-americanistas, para discutir o tema “Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições – dos processos de independência à globalização”. A Associação foi criada em 1978, na Polônia, quando um pequeno grupo de estudiosos sobre América Latina residentes na Europa aprovou uma proposta de trabalho integrado para incentivar a colaboração entre especialistas e pesquisadores. Ao longo dos seus 35 anos de existência, a Associação tem se organizado em grupos de trabalho voltados para o estudo de temas e problemas específicos da região.

Fruto da parceria entre o Laboratório de Estudos de Imigração e o Laboratório Intelectuais, Cultura e Política e o Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais, Sociedade e Política, o 3º Encontro do Grupo de Trabalho foi organizado em forma de Congresso, sob a organização da professora Lená Menezes, Sub-reitora de graduação da UERJ. Os outros dois encontros internacionais do GT ocorreram na Universidad Nacional de Trujillo, no Perú, em 2010, e na Universidad Católica de Córdoba, na Argentina, em 2012. Os eventos resultaram do crescimento do Grupo e do desejo dos seus integrantes de se aproximarem mais dos países que estudam. Participaram da abertura do encontro de 2013 o Reitor Ricardo Vieiralves, a professora Lená Medeiros, a professora Edna Maria dos Santos, vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o professor Ricardo Lima, diretor do Departamento Cultural e representando a Sub-reitoria de Extensão e Cultura, e a professora Lúcia Maria Paschoal Guimarães, vice-presidente da Associação Europeia.

A conferência inaugural foi do professor Hugo Cancino Troncoso, da Universidad de Aalborg, na Dinamarca, idealizador e um dos coordenadores do Grupo. Ele abordou a trajetória, as perspectivas e os desafios metodológicos enfrentados pelo Grupo, entre os quais a denominação atribuída aos povos e à região que estuda: “Como aponta o historiador chileno Miguel Rojas Mix em seu livro *Los cien nombres de América*, no qual examina as distintas denominações atribuídas, impostas, ao povo desse continente, a expressão América Latina é inapropriada e incoerente, uma vez que não reconhece a diversidade, sobretudo dos povos originários, e não corresponde à realidade efetiva do lugar.”

As apresentações de trabalhos se distribuíram em quatro simpósios sobre os temas História Intelectual e dos Intelectuais na América Latina: atores; História Intelectual e dos Intelectuais na América Latina: cenários e debates, História Intelectual e História Política e Migrações e Exílios nos séculos XIX e XX: ideias e processos. Foram apresentados 65 dos 67 trabalhos aprovados. Para o final de cada dia do encontro foi programada uma atração cultural: o Duo Santoro, formado pelos gêmeos virtuosos do violoncelo, Paulo e Ricardo Santoro, no dia 27; um Salão do Livro com publicações sobre a temática do evento, que teve a presença dos autores e a apresentação do coral da UERJ Altivoz, no dia 28; e a exibição do filme *La Cassettina dei Ricordi* (Caixinha de Lembranças), resultado da pesquisa da professora Sylrléa Marques Pereira, roteirista da obra, integrante do Laboratório de Estudos de Imigração e do comitê executivo do evento, no dia 29. No dia 30 de agosto os participantes do encontro visitaram a Ilha Fiscal, lugar de grande importância histórica, onde no século XIX foi construído um posto alfandegário para o controle das mercadorias que chegavam ao porto do Rio de Janeiro, então capital do Império.



Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr., Lorena Forti, Mariana Pelegrini, Mayana Garcia, Mirella Arruda e Ricardo Nicolay Estagiária: Marcele Blanchart Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at [dafont.com](http://dafont.com). David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

# Professora de Direito Internacional Privado da UERJ dará curso em Haia

A professora Carmen Tiburcio, da Faculdade de Direito, foi convidada para ministrar um curso de Direito Internacional Privado na Academia de Direito Internacional de Haia, na Holanda, em 2017. O convite foi feito pelo *curatorium* da Academia, do qual participam professores de direito internacional (público e privado) de vários países. Os cursos são ministrados presencialmente em inglês ou francês e oferecidos a alunos procedentes de todas as partes do mundo. Em seguida, o material do curso é publicado na coleção *Recueil des Cours*, que hoje reúne mais de 300 volumes e é considerada a publicação enciclopédica mais importante da área de Direito Internacional Privado e Público. A professora comentou a importância de estar em Haia: “Considero o convite uma grande honra, que também traz uma grande responsabilidade. Tenho que preparar um curso para 2017, bem como preparar o material para ser publicado na prestigiosa *Recueil des Cours*”.

Desde a sua criação em 1923 com o financiamento da Fundação Carnegie, de Washington, a Academia de Direito Internacional está sediada no Palácio da Paz em Haia, na Holanda, ao lado das mais altas instituições judiciais internacionais, como o Tribunal Internacional de Justiça e a Corte Permanente de Arbitragem. É um centro de pesquisa e de ensino de Direito Internacional Público e Privado que tem por objetivo fomentar os estudos científicos sobre aspectos legais das relações internacionais. A missão atribuída pelos seus fundadores segue o pensamento da “paz através da lei” e se mantém até hoje. Com essa filosofia, a Academia conseguiu preservar as tradições oriundas das Conferências de Paz de Haia de 1899 e 1907 e adaptar-se às necessidades de um mundo em constante mudanças. A Academia é uma instituição tradicional e não se configura como universidade. Também não tem um corpo docente permanente, mas o seu corpo científico, o *curatorium* – presidido atualmente por Boutros Boutros-Ghali, ex-Secretário-Geral das Organizações das Nações Unidas –, convida acadêmicos, profissionais da área, diplomatas e personalidades de todo o mundo para ministrar os cursos, que são realizados na forma de palestras e abordam temas relacionados ao Direito Internacional. Como resultado, os alunos têm a oportunidade de estar em contato com os maiores especialistas da área.



Sede da Academia de Direito Internacional de Haia



Interior da Academia de Direito Internacional de Haia

A professora Carmen tem mestrado e doutorado em Direito pela Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, e atua principalmente nos seguintes temas: arbitragem, processo civil internacional, direito internacional privado e cooperação jurídica internacional. Ela conta que nos últimos 20 anos atuou profissionalmente em uma ampla gama de casos na sua área de especialização: “Tenho trabalhado em arbitragens internacionais (nas funções de árbitra, advogada, perita ou parecerista) relacionadas a litígios que envolvam desde a propriedade de material nuclear até questões de infraestrutura. Tenho trabalhado nas mesmas

funções em arbitragens nacionais, em questões que envolvem companhias petrolíferas, entidades públicas e instituições comerciais”. Ela também participou em casos de litígio internacional em matérias civil e criminal, com o recolhimento de provas no Brasil e no exterior para ações internacionais em casos relacionados à imunidade soberana, reconhecimento de decisões estrangeiras e escolha do foro para casos controversos de extradição, além de casos relacionados à aplicação da Convenção de Haia sobre rapto e abdução de crianças.

No Brasil, explica a professora, o Direito Internacional Privado é dedicado ao estudo



Professora Carmen Tiburcio

das relações jurídicas de mais de uma jurisdição (país). Isso significa que, sempre que uma situação tem contato com mais de um país – como por motivo de nacionalidade ou domicílio de uma ou ambas as partes – o fato de que um contrato foi executado ou realizado no exterior, entre muitas outras situações, a relação será regulada pelo Direito Internacional Privado. Assim, essa área do Direito no Brasil compreende o estudo de quatro temas independentes: 1) nacionalidade das pessoas e empresas sob legislação nacional e internacional; 2) direitos do estrangeiro, também sob direito nacional e internacional; 3) determinação da legislação aplicável às relações jurídicas relacionadas a outros países; 4) questões relacionadas à jurisdição de litígio internacional, ou seja, à imigração e às transações comerciais internacionais.

Em uma entrevista para o *site* da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, a professora Carmen foi indagada sobre os problemas e questões mais interessantes que estão surgindo na área do Direito Internacional Privado. Ela respondeu que, “tradicionalmente, o Direito Internacional Privado se concentra majoritariamente em questões relacionadas a determinação da legislação aplicável às relações jurídicas ligadas a mais de um país (conflito de leis). Eu acho que, mais recentemente, o foco principal da disciplina passou para o litígio internacional (composto de arbitragem) e suas diversas consequências em matéria de competência, como a escolha do foro, a imunidade soberana, serviço no exterior, coleta de provas e reconhecimento de decisões estrangeiras”.

## CAP-UERJ inicia curso de mestrado profissional

O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ) abriu edital para mestrado profissional de Ensino em Educação Básica. Este é o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* do Instituto e serão oferecidas 20 vagas, com o início das aulas previsto para o primeiro semestre de 2014. Com projeto de criação do mestrado avaliado com conceito 4 pela Capes, o Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) está voltado para professores de nível básico e outros profissionais da escola, como psicólogos e assistentes sociais. Convidada para coordenar o Programa pelo diretor do CAP-UERJ, professor Lincoln Tavares, a professora Claudia Hernandez B. Sonco explica que o curso está dedicado à atuação nas escolas: “O mestrado acadêmico leva o profissional a querer lecionar na Universidade e sair da educação básica. O objetivo, com o nosso mestrado profissional, é qualificar os professores, não necessariamente levando-os a abandonar a educação básica”.

O CAP-UERJ amplia assim o aperfeiçoamento e formação docentes, que até este ano era desenvolvida por meio de diversos projetos. A cada semestre o Instituto recebe cerca de 600 alunos de graduação como estagiários. Convênios com a rede pública para o aprimoramento de professores e cursos de extensão abertos à rede de ensino também são realizados pelo CAP-UERJ: “Nós não éramos responsáveis por nenhuma formação integral, sempre fomos parceiros de formação”, diz a professora Claudia Hernandez, que irá trabalhar com o professor Esequiel Rodrigues Oliveira, vice-coordenador do PPGEB.

No estado do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II é outra instituição de ensino de base a oferecer curso de pós-graduação *stricto sensu*. Mas a professora Claudia Hernandez destaca que o diferencial do curso do Instituto está na interdisciplinaridade: o mestrado de Ensino em Educação Básica do CAP-UERJ será dividido em duas linhas de pesquisa – ou duas possibilidades de atuação

e desenvolvimento da investigação. A linha Ensino Fundamental I compreende os anos iniciais (do 1º ao 5º), que é primordialmente interdisciplinar, e a linha Ensino Fundamental II abrange os anos finais (do 6º ao 9º) e preserva as ciências específicas, como história, geografia, física e biologia, sem negligenciar a conexão entre os campos. A área de concentração é Cotidiano e Currículo no Ensino Fundamental, embora o curso esteja aberto para quem atua em todo o ensino de base.

Outra particularidade do Programa do CAP-UERJ é o caráter propositivo que as dissertações de conclusão dos mestrados deverão produzir – o aluno-pesquisador terá de ser capaz de elaborar propostas, além de redigir a dissertação sobre o tema escolhido. Dessa forma, o trabalho de pós-graduação estará relacionado à pesquisa atrelada à busca de soluções, já desenvolvida pelo CAP-UERJ. O parecer que justifica o conceito 4 dado ao projeto pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da Capes destaca o apoio institucional, a infraestrutura do Instituto, a proposta pedagógica, o corpo docente formado por 22 professores do Instituto e a maturidade técnico-científica do mesmo. A professora Claudia Hernandez destaca o empenho da equipe da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa – em especial da Sub-reitora Monica Heilbron, da diretora do Departamento de Fomento ao Ensino para Graduados, Elizabeth Macedo, e do coordenador de Controle Acadêmico, Guilherme Lemos.

As inscrições para a primeira seleção do PPGEB vão até o dia 8 de novembro e podem ser feitas na secretaria do Programa, que fica na sala da direção do CAP-UERJ (3º andar, Bloco A) no *campus* Maracanã. O processo seletivo consiste em prova escrita, entrevista e análise do *curriculum vitae* e do plano de estudos, sendo todas essas etapas de caráter eliminatório, além de uma prova de aptidão para leitura em Língua Estrangeira, não eliminatória. Informações completas sobre o novo Programa estão disponíveis em <<http://ppgebcapuerj.blogspot.com.br/>>.

## Missão da UERJ participa na Itália do Festival de Literatura de Viagem

Uma missão de professores da UERJ esteve entre os dias 24 e 29 de setembro na Itália para participar em Roma do *Festival della Letteratura di Viaggio: Letteratura, Geografia, Fotografia, Giornalismo, Musica, Fumetto* (Festival de Literatura de Viagem: Literatura, Geografia, Fotografia, Jornalismo, Música, Quadrinhos). Criado em 2008 por Claudio Bocci, diretor de relações externas da Federação das Empresas e Entidades de Gestão da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer (Federculture), o Festival é coorganizado pela Sociedade Geográfica Italiana. Integraram o grupo de professores que esteve na Itália o Reitor Ricardo Vieiralves, a Sub-reitora de Extensão e Cultura, professora Regina Henriques, e os professores Ricardo Lima, Regina Weissmann, Aureanice de Mello, Claudia Barcellos Rezende, Rosane Prado, Marcos Costa, Marcos Bastos, Italo Moriconi e Ricardo França.

O Festival aconteceu no Palácio de Exposições e nos jardins da Villa Mattei Celimontana, espaço que abriga a Sociedade Geográfica Italiana e que durante três dias se transformou em uma espécie de “casa de viagem”. A organização do evento provou encontrar com autores, viajantes e contadores de histórias. Na edição deste ano, o Brasil e os Estados Unidos foram os países convidados de honra. No Palácio de Exposições foi inaugurada a exposição *Go West! A fronteira, a viagem, o imaginário* – com imagens do fotógrafo Timothy O’Sullivan sobre as expedições de George M. Wheeler no Colorado, em Nevada, no Arizona, no Novo México, em Utah e na Califórnia entre 1871-1874 – e com imagens dos arquivos da Sociedade Geográfica Italiana de viagens *costa-a-costa* nos Estados e com faixas e placas de Tex Willer, mito do oeste americano.

No dia 25 de setembro, na Embaixada do Brasil em Roma, aconteceram as atividades pré-festival, com as sessões *Focus Brasil* coordenadas pelo presidente do Festival, Franco Salvatori. As sessões foram divididas em quatro partes, com a abertura a cargo do professor Ricardo Vieiralves e de Franco Salvatori. Na conferência, o Reitor agradeceu o convite para que a UERJ se envolvesse na organização do Festival e destacou o significado da viagem para o Brasil e para a Universidade. Na segunda parte, intitulada “A busca das origens

através de documentos”, o professor Italo Moriconi, editor executivo da EdUERJ, e os professores Marina Faccioli e Aniello Angelo Avella, da Universidade de Roma Tor Vergata, apresentaram o *Guia de Fontes para a História do Brasil Colonial Conservadas nos Institutos e Arquivos Italianos*.

Na terceira parte foi inaugurada a exposição *Brasil, antigas e novas explorações* de Ermanno Stradelli, geógrafo e fotógrafo italiano que realizou expedições na Amazônia do final do século XIX (com curadoria de Livia Rapoport, do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, em parceria com a UERJ), além da projeção de seis filmes etnográficos brasileiros selecionados e organizados pelos professores Ricardo Lima, Regina Henriques e Patrícia Monte-Mór. A escolha das obras foi pautada, segundo a professora Regina, “por filmes que pudessem dizer muito através das imagens, filmes que tivesse uma diversidade de cenários brasileiros e de pontos que abordassem a nossa cultura. Levamos filmes que falavam da cultura indígena, do funk, do movimento do campo em direção à cidade”. No encerramento da sessão, o grupo Pé de Moleque, grupo tradicional de chorinho da cidade do Rio de Janeiro, apresentou no pátio da Embaixada o espetáculo *Brasil, as raízes da música*, com curadoria da UERJ. “A apresentação foi belíssima! O pátio da Embaixada ficou lotado – e a repercussão teve a ver com o fato de o chorinho ser gênero pouco conhecido na Itália. Isso permitiu que o Brasil fosse apresentado fora dos estereótipos tradicionais, mesmo para pesquisadores importantes sobre o Brasil. Foi uma oportunidade especial de apresentar a diversidade brasileira”, comentou a professora Regina Henriques.

Na programação do dia 28 de setembro a UERJ participou da sessão *Brasil, histórias de um gigante – Viagens, mitos, estereótipos, grandes eventos*, com a presença do sociólogo Domenico De Masi, do jornalista e escritor Stefano Malatesta e do professor Aniello Angelo Avella. O encontro também marcou a abertura da exposição *Máscaras: a tradição brasileira*, organizada pela UERJ com curadoria do professor Ricardo Lima. A exposição já percorreu as cidades de Nápoles e Piano di Sorrento, ficando em Roma até o dia 15 de outubro.

## UERJ inaugura escritório de representação na Itália

A Universidade inaugurou em 27 de setembro o primeiro escritório de uma instituição de ensino brasileira na Itália. O escritório vai operar como base de atuação na Europa e reforçar o processo de internacionalização das ações acadêmicas que se destacou nos últimos anos com o apoio institucional recebido. Participaram da cerimônia de inauguração representantes do governo e da Marinha italianos e o prefeito de Castellammare di Stabia, Nicola Cuomo, que saudou a delegação da Universidade e falou sobre a felicidade de ter uma universidade do porte da UERJ em Castellammare, assinando que “esse fato é, economicamente, um grande salto de qualidade para a nossa cidade e para o desenvolvimento do sítio arqueológico de Villa di Stabie”.

Localizado na cidade que fica no sul da Itália, o escritório funcionará temporariamente no Instituto Vesuviano, que abriga a Fundação Restoring Ancient Stabiae (RAS) e possui estrutura com salas de trabalho e de aula e espaço para hospedagem de pesquisadores. O Instituto dedica-se à pesquisa arqueológica, da cultura italiana, mediterrânea e sobre Roma antiga e, especialmente, à preservação do conhecimento sobre as cidades atingidas pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., como Pompéia, Herculano e Vilas de Stabia. Para a professora Regina Henriques, “como estamos cada vez mais estreitando laços com instituições italianas, entendemos que é muito importante para nós, professores e alunos da UERJ, ter pontos de fixação e apoio na Itália”. A Universidade estuda a possibilidade de ter outra estrutura de hospedagem na capital italiana, nos alojamentos da Universidade de Roma Tor Vergata, que funcionariam como base de apoio aos pesquisadores, professores e alunos da Universidade, que assim teriam infraestrutura em dois pontos estratégicos daquele país.

Até agora, a UERJ é a única universidade a ter recebido autorização do governo italiano para instalar um escritório no país. A professora Regina Henriques comentou que a instalação do escritório motivou a ideia de criação de uma associação de universidades públicas brasileiras na Itália, que seria coordenada pela UERJ. Assim seria possível trabalhar ensino, pesquisa e extensão em colaboração com instituições



O diretor da Fundação RAS, Ferdinando Spagnuolo, e prefeito de Castellammare di Stabia, Nicola Cuomo



O diretor da Fundação RAS, Ferdinando Spagnuolo, o Vice-ministro da Defesa da Itália, Gioacchino Alfano, o Reitor da UERJ, Professor Ricardo Vieiralves e Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques

dos dois países a partir de protocolos de atuação, produção e difusão a serem estabelecidos. Ela acrescentou que, em breve, o Reitor Ricardo Vieiralves “vai encaminhar convite aos outros reitores para ver quais são as instituições interessadas. Junto com a Fundação RAS, a Universidade irá identificar as regras para a criação e a formalização de uma associação desse tipo na Itália”.

### Parcerias

Algumas atividades já estão em desenvolvimento no âmbito do escritório na Itália. Uma vez por ano, por exemplo, alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade fazem visitas de estudo e aprofundamento cultural em sítios arqueológicos italianos. Em setembro foi assinado um convênio entre a UERJ, a Fundação RAS e a Universidade Partenope de Napoli na área de ciências do mar. Em outra frente, acordo coordenado pelo professor Marcos Bastos,

diretor do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), estabelece um pacto de cooperação em pesquisas subaquáticas e a criação de um centro de estudos do mar. O projeto prevê também a criação de curso binacional pioneiro de mergulho técnico-científico, com o empréstimo de um submarino e equipamentos a serem instalados na Ilha Grande. Outra parceria foi oficializada com a Universidade de Nápoles Federico II: convênio assinado pelos reitores das duas instituições prevê a participação de pesquisadores brasileiros e italianos em estudos de ciências da terra, direcionados principalmente para ações de contenção, prevenção e controle de riscos em grandes acidentes ambientais. O projeto está em andamento e a primeira etapa está sendo a análise dos cursos de Geologia das duas universidades para a criação de um curso em conjunto que vai possibilitar

aos egressos exercerem a profissão no Brasil e na Europa com certificação das duas universidades. Com a Universidade de Molise, a UERJ assinou um convênio para a criação de um curso de dupla certificação com o curso de Arqueologia, recém-criado na Universidade. Esse projeto inclui áreas de preservação de bens culturais, arqueológicos e arquitetônicos. Finalmente, está sendo elaborada em conjunto com a Academia de Belas Artes de Nápoles a proposta de criação de cursos de restauro (também binacional), com a instalação de um laboratório modelo em Paraty.

O estreitamento das relações entre a UERJ e instituições italianas começou em 2008 e envolve o Consulado Italiano no Rio de Janeiro e o Instituto Italiano de Cultura. No período de cinco anos foi trabalhada uma aproximação com a Universidade de Roma Tor Vergata para a construção de um curso de pós-graduação em conjunto com o Instituto de Geografia. O intercâmbio entre o Instituto de Geografia da UERJ e a Universidade de Roma foi iniciado pelo professor Glaucio Marafon, diretor do Instituto na época, e resultou na vinda do professor Aniello Avella para a Universidade como professor visitante, onde desenvolve pesquisa sobre a imperatriz Teresa Cristina. As tratativas iniciadas pelo professor Glaucio foram concluídas pela professora Aurea-nice de Mello, atual diretora do Instituto de Geografia, e resultaram na criação de curso de doutorado em Geografia em conjunto entre as duas universidades. Com a Universidade de Roma também está sendo avaliada a possibilidade de criação de um curso de doutorado: entre outubro de 2011 e outubro de 2012, a UERJ participou das atividades comemorativas do momento Itália-Brasil. A exposição “de Pompéia: redescobrimos os encantos de Stabiae”, por exemplo, trouxe pela primeira vez para a América Latina peças originais do sítio arqueológico de um conjunto de vilas na região de Nápoles atingidas pela erupção do vulcão Vesúvio. A interlocução e a parceria com a Fundação RAS indicaram a viabilidade de intercâmbio permanente com a Fundação e universidades parceiras, o que deu origem às ações que resultaram do escritório da UERJ na Itália.

## Planetário inflável vai ajudar o ensino de Astronomia

Para entender e conhecer as constelações, seus nomes e localização, a Astronomia conta com a ajuda da mitologia grega. Nela, as estrelas se unem a pontos imaginários formando seres mitológicos que identificam cada constelação. As Três Marias, por exemplo, fazem parte do cinturão de Orion, ser mitológico e grande caçador. Olhando para o céu, as três estrelas se encontram no centro do cinturão e o restante do corpo do caçador forma um trapézio composto pelas estrelas Betelgeuse, Rigel (as duas mais brilhantes), Bellatrix e Saiph.

Para todas as constelações há uma história capaz de auxiliar o ensino de Astronomia – e foi com assim que o planetário inflável da UERJ fez sua primeira exibição, em junho, para alunos da Escola Municipal República Argentina. Na apresentação os estudantes aprenderam as características das constelações e assistiram à projeção do céu com todas as estrelas, até mesmo aquelas que não se consegue visualizar em grandes cidades devido à forte iluminação.

O planetário foi adquirido com verba de um projeto submetido à FAPERJ e custou cerca de US\$ 20 mil. “Sempre que fazíamos eventos dentro e fora da Universidade usávamos planetários móveis emprestados. A compra decorreu de uma necessidade, além de ser excelente instrumento de aprendizado e formação dos nossos alunos”, diz o professor Rui Pereira, um dos responsáveis pelo planetário juntamente com o professor João Canalle, coordenador do projeto Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica. “O planetário nos permite ter acesso a um céu semi-hemisférico, como na natureza, e também nos dá a oportunidade de contornar as dificuldades atmosféricas. Nem sempre o céu está limpo para observarmos. Outro benefício é projetarmos as estrelas que não visualizamos em zonas urbanas devido à poluição luminosa. E também é possível avançarmos o tempo e em uma mesma sessão enxergarmos o céu em horários diferentes”, complementa Canalle.

O planetário é elemento importante para a formação acadêmica, pois esta é a atividade-fim da Instituição e também para a divulgação científica dos trabalhos



realizados na Universidade. Como as apresentações que acontecem dentro do planetário são feitas por monitores, esse treinamento, segundo o professor Rui, é “um diferencial pedagógico, porque o futuro professor aprende a lidar com os diferentes perfis de turmas que assistem à apresentação”.

Na graduação, o planetário será utilizado para estudos em duas disciplinas da Física (Introdução à Astronomia e Introdução à Astrofísica), para eventos realizados pela UERJ e como auxílio aos cursos de Astronomia promovidos pela Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica para professores de escolas, entre outras atividades. O planetário inflável móvel da Universidade é analógico, possuiu uma lâmpada no centro e um cubo com furos por onde a luz passa e projeta as estrelas. O professor Canalle conta que em breve o planetário será digital, com projetor apropriado. Esse equipamento vai permitir a projeção inclusive de filmes.

## Olimpíada

A equipe brasileira que participou em agosto de 2013, na Grécia, da Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica (IOAA, na sigla em inglês) conquistou a melhor posição até agora no evento. Dois alunos ganharam medalha de prata, Daniel Mitsutani e Luís Fernando Valle, e Fábio Kenji Arai, Allan dos Santos Costa e Larissa Fernandes de Aquino conquistaram medalha de bronze. Antes de participarem da competição, os alunos fizeram parte da turma que recebeu treinamento no planetário da UERJ. Ao todo foram 12 alunos na turma: cinco participaram da Olimpíada na Grécia e outros cinco vão participar da Olimpíada Latino-americana que será realizada em Cochabamba, México, em outubro. Dois desses alunos são reservas, caso alguém fique impedido de viajar. O treinamento foi realizado em Passa Quatro, Minas Gerais, por professores e astrônomos. Os competidores foram divididos em grupo de estudos, participaram de oficinas e treinaram observações do céu. No planetário foi projetado o céu da Grécia, no hemisfério norte, para que os estudantes estivessem familiarizados no dia da competição. Todas também aprenderam a montar e manusear um telescópio.

Os 12 alunos preparados para as competições foram selecionados a partir da participação na Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica de 2012. Eles fizeram a prova com outros 800 mil estudantes – cerca de 100 mil do ensino médio. Inicialmente, mil alunos que fizeram prova a distância de Astronomia em um nível mais avançado foram selecionados. Em seguida foram classificados os 200 melhores e, no começo deste ano, uma prova presencial determinou os 12 escolhidos. Para o professor Canalle as medalhas são importantes para o país, pois divulga o trabalho que está sendo desenvolvido na área de Astronomia, e para os alunos, que têm a oportunidade de conhecer a estrutura astronômica de outro país e colocar no seu currículo a participação em uma olimpíada internacional.

# Acolhimento institucional é tema de pesquisa e extensão

*Para pesquisadora da UERJ os abrigos são medidas provisórias, pois a convivência familiar e comunitária é essencial*

O acolhimento institucional é um tema que merece atenção e estudos em todo o Brasil. A lei 12.010, de 3 de agosto de 2009, realizou mudanças no Estatuto da Criança e do Adolescente buscando evitar que o acolhimento institucional se prolongasse por muito tempo. A ideia é que esses menores fiquem menos tempo nos abrigos. É o que explica a doutoranda Fernanda Hermínia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e pesquisadora do tema: “O período de acolhimento é provisório e excepcional. Se a criança tem problemas com a família ou com a comunidade, para se proteger, precisa ser retirada desse ambiente”, indica. Foi a partir da nova lei que os abrigos tiveram a denominação de acolhimento institucional.

Fernanda esclarece que como o processo da rede de acolhimento é complicado, a criança permanece muito tempo no abrigo. No entanto, os caminhos para esse menor é ou voltar para a família de origem ou ser acolhido por outra família. “Quando o poder familiar é destituído, a criança vai para a adoção. O objetivo é que ela volte para a família ou vá para uma família substituta, não ficar no abrigo”, ilustra.

Ao comparar a experiência de Sergipe, cidade onde iniciou sua pesquisa durante o mestrado, e a região sudeste, a pesquisadora sinaliza que as dificuldades da rede são parecidas em todo o país. De acordo com Fernanda, a literatura nacional disponível mostra a dificuldade em trabalhar o acolhimento institucional principalmente no direito à convivência familiar e comunitária. Esse é um direito presente no estatuto da criança e do adolescente e ressaltado pela lei 12.010. Os abrigos são uma medida provisória e excepcional para proteger as crianças de uma situação perigosa. O objetivo final é retornar esse menor à convivência familiar e comunitária. Uma das dificuldades que Fernanda notou, durante sua pesquisa, foi justamente a garantia desse direito. “Esse é meu objeto de estudo no doutorado. Como que essa rede pode se comunicar para garantir a efetivação desse direito. Quais são os mecanismos que existem para a articulação dessa rede?”, questiona.

As pesquisas sobre o tema demonstram que os abrigos podem ser muito positivos para as crianças e adolescentes

que passaram por situações complexas com a família. Entretanto, o tempo prolongado nos abrigos pode causar prejuízos a esses menores. Mesmo com todas as modificações no Estatuto da Criança e do Adolescente, as instituições ainda podem preservar características totais, fechadas e com atributos do antigo código de menores. “O problema é que a criança se sente presa e punida. Muitas vezes esse menor não entende o que ele está fazendo na instituição. Sabe que tem mãe, foge para a rua e volta para o abrigo. Já houve um caso em que a criança fugiu, encontrou a mãe que morava na rua e retornou para o abrigo. Sendo que a própria instituição não conseguia localizar essa mãe, que não buscava o filho no abrigo por medo do conselho tutelar”, conta Fernanda.

Em 2006 foi criado o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. De acordo com a pesquisadora, no entanto, o plano não foi implantado integralmente. A partir das diretrizes deste Plano, todos os estados poderiam ter planos estaduais que se adequassem às suas respectivas realidades regionais no trabalho com essa população de crianças e adolescentes. O Plano pretendia desmistificar o conceito de famílias desestruturadas e de que o abrigo era a melhor solução para a criança. Há também o agravante de uma criança que passa anos em uma instituição e, quando faz 18 anos, não tem para onde ir. “Quais são os outros mecanismos para que o estado garanta que o abrigado, quando adulto, tenha pra onde ir? Como podemos criar novas práticas para garantir esses direitos?”, pergunta Fernanda.

Para responder essas questões, a pesquisadora acredita que o ideal é criar instrumentos a partir da própria prática nos abrigos. Foi isso que ela captou durante o curso “Acolhimento Institucional: Atores em diálogo”, oferecido em 2012, organizado por professores e alunos do curso de Especialização em Psicologia Jurídica da UERJ e coordenado pela professora do Instituto de Psicologia Anna Paula Uziel. Outra possibilidade, segundo Fernanda é utilizar modelos bem sucedidos, como é o caso de experiências na França, e adequá-los à realidade brasileira:

“Existe no Brasil uma grande diversidade em termos de população indígena, quilombola, ribeirinha. Não podemos pensar só nas capitais, mas também no interior do Brasil. Existem diferenças regionais e nenhum modelo estrangeiro pode dar conta dessa realidade”.

## Extensão

O trabalho nos abrigos reúne diferentes profissionais. O acolhimento institucional mantém uma relação com o judiciário: defensoria, ministério público, juízes, além da equipe técnica que são os psicólogos e assistentes sociais. Há também educadores, que são as pessoas que lidam no dia a dia da criança. O educador não necessariamente é um pedagogo.

A rede é muito extensa. Para Fernanda, a comunicação com outros equipamentos é essencial. É necessário, por exemplo, mandar relatórios técnicos para o juizado, reuniões com toda a equipe do abrigo, audiências com o judiciário, além do contato com a família. Mais ainda: contato com a escola e com o sistema de saúde. O objetivo do curso de extensão foi reunir os profissionais que trabalham no acolhimento institucional para estabelecer um diálogo entre esses equipamentos.

Durante o curso, foram discutidas as temáticas cotidianas do acolhimento institucional. Os profissionais apresentavam e trocavam experiências bem sucedidas.

A metodologia do trabalho foi convidar um palestrante e a partir desse discurso, aprofundar o tema. “Enumeramos as temáticas que eram mais conflituosas e pesquisamos o interesse dos participantes. Assim montamos o curso. Todos os abrigos do Rio foram convidados”, descreve.

O público alvo foi composto por todos os que trabalham nas instituições de acolhimento institucional (psicólogos, assistentes sociais, educadores, coordenadores), pois não há curso de capacitação e formação para trabalhar nessa área. Segundo a pesquisadora, as instituições estão sobrecarregadas, com poucos profissionais, o que torna o trabalho, por vezes, estressante. “A rede possui buracos, e, às vezes, os profissionais caem neles. O objetivo do curso foi tratar as dificuldades e resolver alguns problemas a partir dos instrumentos que os profissionais se dispõem”, acrescenta.



## O registro em jornal da história recente da Universidade

O primeiro número do *UERJ em Questão* circulou em abril de 1988, na gestão do Reitor Ivo Barbieri, com edição do jornalista Álvaro Caldas. “Foi o primeiro jornal criado e produzido pela Universidade. Era um compromisso de campanha do Reitor Ivo Barbieri (1988-1992), recém-eleito. Logo que assumi a Coordenação de Comunicação Social e Publicações, já no início da nova gestão da reitoria, constatei que precisava de um veículo para fazer circular as informações, criar um debate crítico e saudável, que se dirigisse não somente ao público interno, mas que também levasse a Universidade para fora de seu *campus*”, conta o jornalista. No ano seguinte, a coordenação passou a ser chefiada pela professora Sonia Virgínia Moreira, da Faculdade de Comunicação Social, e editado pela jornalista Regis Farr.

Entrevistado sobre o surgimento do periódico, o professor Ivo Barbieri conta que “o *UERJ em Questão* não foi criado com o propósito de ser um instrumento da Reitoria, mas sim como um informativo que, conforme o próprio nome sugeria, colocasse em discussão questões referentes à Universidade”. Outro motivo que incentivou a criação do jornal, lembra Ivo Barbieri, foi a presença frequente da UERJ em matérias na jornais e emissoras de rádio e televisão na época, em razão das primeiras eleições diretas para reitor na Universidade: “Isso também foi um impulso para criarmos um jornal voltado para a nossa comunidade”. Na sexta edição do informativo, de 1989, a matéria intitulada “A UERJ nos meios de comunicação” destacava que “Nunca, nos seus quase 40 anos de existência, a UERJ teve uma presença tão grande nos meios de comunicação – particularmente nos jornais cariocas – como nos últimos 30 dias”.

Publicado em formato tabloide, com oito páginas, em preto e branco, e com periodicidade mensal, o *UERJ em Questão*, ao longo do tempo, mudou de formato, de tamanho, ganhou cores, já foi revista, variou em

periodicidade, enumeração e, desde 2010, reassumiu o formato tabloide, com 16 páginas, em quatro cores e trimestral.

Para a centésima edição, a equipe da Diretoria de Comunicação Social fez um levantamento nos arquivos internos e do Núcleo de Memória, Informação e Documentação da Rede Sirius para rememorar a trajetória do *UERJ em Questão*.

Em 25 anos de circulação, sob diferentes formatos e periodicidade, o jornal institucional preserva um arquivo precioso da história recente da Universidade.

Na edição especial dos 40 anos da UERJ, publicada em novembro de 1990, foram abordados dois fatos marcantes para a Universidade na década de 1980: as eleições diretas para reitor, diretores de centros e unidades acadêmicas e a Constituição estadual que estabeleceu o repasse mínimo de 6% da arrecadação tributária líquida do estado do Rio de Janeiro para a Universidade – e que, apesar de não ter sido cumprido, trouxe autonomia e investimentos para a Instituição naquele período.

Na gestão do Reitor Antônio Celso (1996-2000) a Coordenação de Comunicação Social e Publicações da Universidade (CCSP) se transformou em Diretoria de Comunicação Social (Comuns). “Na época o órgão não tinha o status de diretoria. A sigla Comuns foi sugerida pela atual chefe de Gabinete da Reitoria, professora Regina Weissmann. O Reitor queria o setor diretamente vinculado ao seu Gabinete”, explica André Lázaro, professor da Faculdade de Comunicação Social e diretor da Comuns entre 1996 e 2000. Sob sua direção, o *UERJ em Questão* tinha o mesmo formato tabloide do atual e periodicidade bimestral. Para ele, “o objetivo era revelar a Universidade para si mesma e para a comunidade externa. Professores, técnico-administrativos e estudantes subestimavam a força e a riqueza da Instituição. Se enfatizava muito o que faltava e se valorizava pouco o que era feito. Muita coisa era

bem feita, daí a preocupação do jornal em destacar as realizações da UERJ”.

Hoje a principal função do *UERJ em Questão* é fazer a divulgação científica da produção resultante de pesquisas desenvolvidas na Universidade – um quadro que se alterou bastante se comparado com o período correspondente aos primeiros anos de publicação do informativo. Essa política faz parte da proposta de comunicação institucional na gestão do Reitor Ricardo Vieiralves e é uma maneira de mostrar a aplicação dos investimentos que geraram maior produção científica e aporte de recursos para centros de pesquisa e laboratórios da Universidade.

Para a professora da Faculdade de Comunicação Social Sonia Virgínia Moreira, diretora da Comuns e editora do *UERJ em Questão*, “é interessante lembrar que a divulgação científica, em especial via mídia impressa, tem uma longa tradição no Brasil. É possível até mesmo afirmar que começou com o próprio jornalismo brasileiro, pois o jornalismo científico nasceu com o *Correio Braziliense*, editado em Londres por Hipólito José da Costa, como relata o professor José Marques de Melo. Editado a partir de junho de 1808, essa que foi a primeira publicação periódica do Brasil registrava os acontecimentos relacionados ao mundo da ciência e da tecnologia. Em outras palavras, empreendia a divulgação das inovações científicas europeias para os leitores brasileiros”.

A divulgação científica tem como principal meta trabalhar com uma linguagem ao mesmo tempo atraente e simples para despertar o interesse de uma massa bem mais ampla de público ou audiência. O *UERJ em Questão* se aproxima dessa tentativa de dialogar com diversos públicos, internos e externos, com sua pauta dedicada tanto para a disseminação de informações sobre pesquisas e pesquisadores como também sobre personagens da Universidade que constroem cotidianamente a memória e a história da própria Instituição.



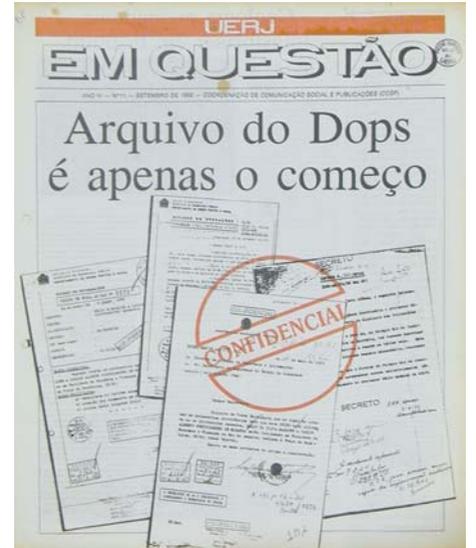
A publicação *UERJ em Questão* tem um papel relevante para o cotidiano dos servidores técnico-administrativos, pois facilita a integração da comunidade acadêmica através da divulgação de atividades e pesquisas desenvolvidas, internas e/ou extra *campi*, por professores, alunos e servidores da universidade. A comunicação interna é fortalecida com a sua leitura, pois mantém os servidores atualizados sobre as questões mais importantes da nossa instituição. Os servidores técnico-administrativos da Rede Sirius de Bibliotecas UERJ parabenizam a COMUNS pela centésima edição e o aprimoramento contínuo deste jornal.

**Leila Andrade –  
Rede Sirius/Núcleo NProtec**



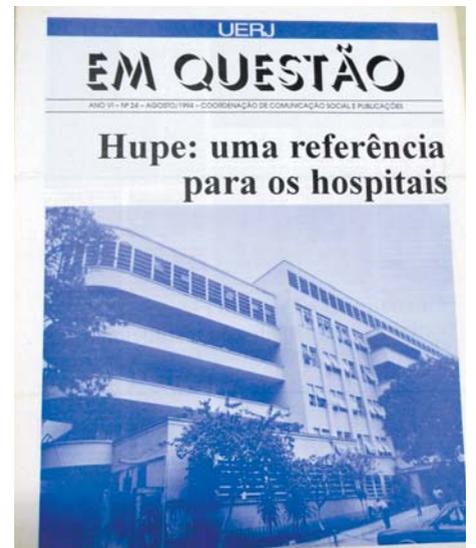
"Transmitir as informações relativas à saúde, pesquisa, questões ambientais e acadêmicas são algumas das contribuições que o jornal *UERJ Em Questão* traz à comunidade, buscando mostrar o cotidiano da nossa Universidade".

**Lauriceia Gomes –  
Auditora Interna**



"O jornal é um excelente meio de comunicação da Universidade. Por meio dele podemos nos atualizar sobre as atividades da UERJ e identificar possíveis oportunidades de bolsas nas iniciações científicas e suas atividades. Como empresário júnior, vejo com muita importância esse veículo, pois os alunos podem conhecer a empresa e suas rotinas, despertando o interesse em participar do movimento empresa júnior."

**Juan Ferreira –  
aluno de Engenharia Elétrica**



A evolução do jornal é inquestionável nos últimos anos. Infelizmente não existe um acervo digital com todas as edições. Seria uma boa fonte de pesquisa para a produção intelectual e dos estudantes, bolsistas e docentes. Fica sendo a minha sugestão e parabéns para nós pela 100ª edição.

**Leonardo Pessanha –  
estudante de Jornalismo**





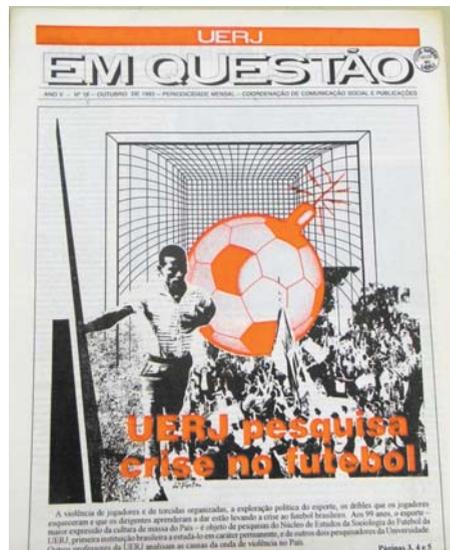
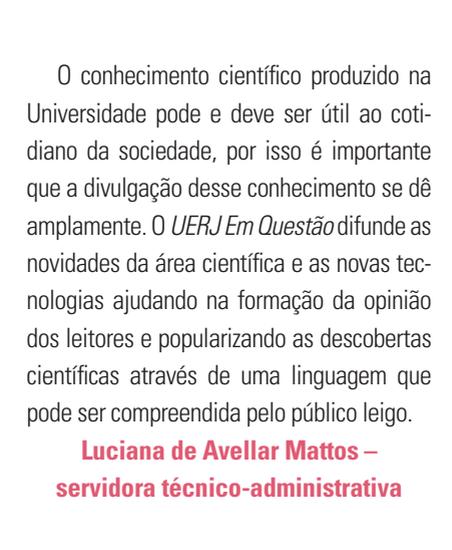
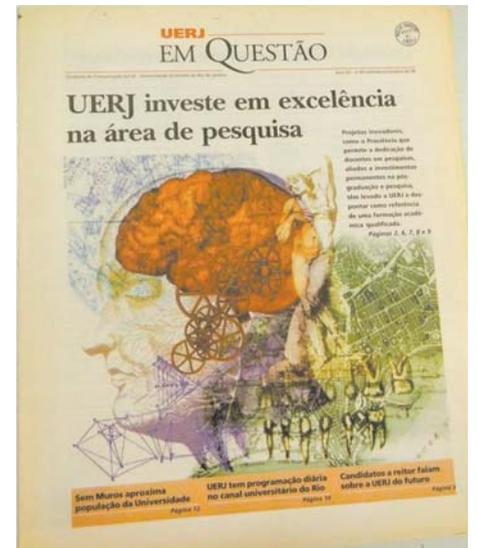
“Acho importante um jornal de dentro da universidade que fala sobre a universidade. Isso proporciona interação interna. Descobrem-se coisas sobre outros departamentos, informações importantes que podem ser utilizadas no próprio trabalho. A disseminação da informação e do conhecimento é o papel principal da universidade e um jornal que trata dela cumpre este objetivo. Fico feliz pelos 100 números do *UERJ Em Questão*, pelo trabalho dos alunos e dos profissionais envolvidos.”

**Yasmin Viana –  
aluna do 9º período de Geografia**



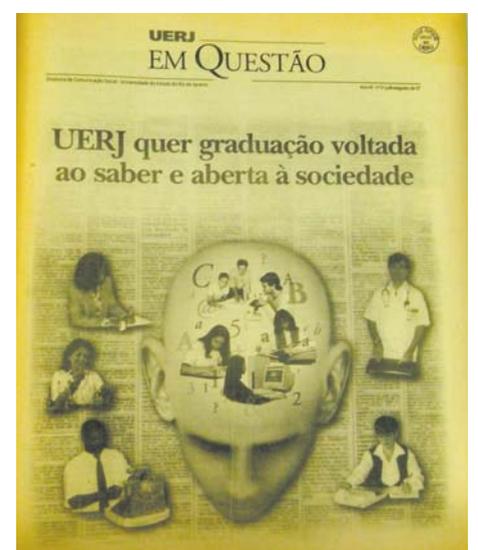
“Parabenizo a Diretoria de Comunicação Social pela centésima edição do jornal *UERJ em Questão* que, assim como os seus outros periódicos, são de grande relevância para a nossa universidade, pois atualizam nossa comunidade sobre os diversos assuntos e inovações da área acadêmica, seja sobre graduação, pesquisa ou extensão, sempre de maneira clara e objetiva.”

**Ivaír Lopes –  
Prefeito dos Campi**



“O *UERJ em Questão* é um ótimo instrumento para a divulgação dos projetos que a Universidade realiza. Através dele posso saber o que outros professores desenvolvem; diversas vezes encontrei e fui procurado por colegas que desenvolvem projetos em comum. O *UERJ em Questão* ajuda a otimizar nossos esforços.”

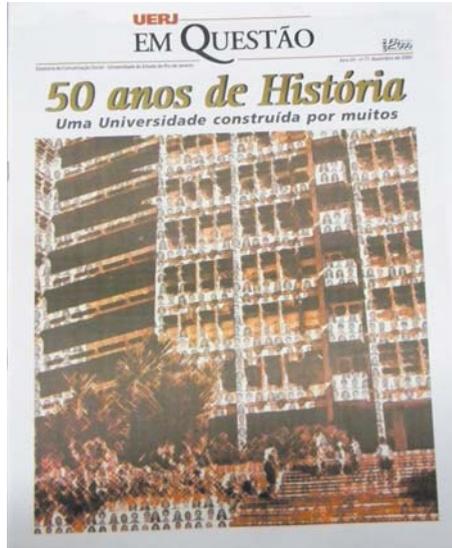
**Francisco Dourado –  
professor da Faculdade de Geologia**





"Usando uma linguagem de fácil acesso e uma apresentação visual agradável, a publicação *UERJ em Questão* tem servido para a equipe do Laboratório de Radioecologia e Mudanças como um ótimo veículo de divulgação científica, tanto para a comunidade da UERJ, como para diferentes grupos da sociedade carioca, permitindo a eles conhecer alguns dos projetos desenvolvidos por nossa equipe. É também através do *UERJ em Questão*, que conhecemos alguns dos trabalhos realizados por colegas de outros institutos e setores de nossa Universidade. Gostaria de parabenizar toda a equipe responsável por alcançar a 100ª edição, bem como desejar sucesso e fôlego para os próximos 100 números."

**Alexandre Alencar – professor do IBRAG**



"É um meio de comunicação importante. Pelo jornal muitos alunos ficam sabendo de notícias relevantes sobre várias questões envolvendo a Universidade. Muito me alegra que o *UERJ em Questão* hoje tenha se tornado esse jornal tão útil, cheio de matérias interessantes, sempre contribuindo com a divulgação das pesquisas científicas realizadas na Universidade e com uma equipe empenhada no seu crescimento. Desejo muito sucesso e que esse seja o exemplar número 100 de muitos que ainda virão. Felicitades a todos e vida longa ao *UERJ em Questão!*"

**Ana Aguiar – ex-aluna de Oceanografia**



"Um jornal como o *UERJ em Questão* consolida a visão dos projetos e iniciativas da Universidade, tornando-a acessível e democraticamente capilarizada para todos os segmentos que a compõem. Leio todos os números, repletos de informações atuais e preciosas sobre o que a nossa universidade faz. Em termos de divulgação científica, oferece dados consolidados e objetivamente organizados. É muito bom ver o que os colegas propõem e realizam. Sempre divulgo o jornal para os alunos, que com ele se enriquecem e despertam para projetos desenvolvidos na Universidade."

**Eloíza Oliveira – diretora do Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias**



## Editora da UERJ participa de mais uma Bienal do Livro

Com uma “afluência muito boa de público e de compradores”, como disse o professor Italo Moriconi, seu editor executivo, a EdUERJ participou de mais uma edição da Bienal do Livro do Rio de Janeiro no mês de setembro. Em 2013 foram vendidos aproximadamente 1.900 livros entre os 216 títulos oferecidos. A Editora está presente na Bienal do Livro desde a sua fundação e, para o professor Italo, “a Bienal tem uma frequência tão elevada que, para qualquer editor ou livreiro, é sempre muito importante estar presente. Para nós, de editoras universitárias, é um evento onde podemos adquirir mais visibilidade, além de aumentar as nossas vendas”.

Entre os lançamentos apresentados pela EdUERJ este ano, o grande destaque foi *O fictício e o imaginário – perspectivas de uma Antropologia literária*, de Wolfgang Iser, que vendeu 39 exemplares, um percentual próximo de 5% das vendas totais da editora na Bienal (Quadro 1). Além dele, a obra *Samba partido-alto: curimbas do Rio de Janeiro*, de Denise Barata, esteve na lista dos mais vendidos, com 33 exemplares. O Quadro 2 mostra a classificação dos cinco livros da Editora mais vendidos na Bienal.

### QUADRO 1

Classificação	Título	Autor
1º	O fictício e o Imaginário – Perspectivas de uma Antropologia Literária	Wolfgang Iser
2º	A redação de trabalhos acadêmicos: Teoria e prática	Claudio Cezar Henriques e Darcilia Marindir Pinto Simões (org.)
3º	Samba partido-alto: curimbas do Rio de Janeiro	Denise Barata
4º	Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação	Maria Lúcia Seidl de Moura e Maria Cristina Ferreira (org.)
5º	Machado para jovens leitores	Ana Cristina Chiara, Antonio Carlos Secchin, Denise Brasil e Ivo Barbieri (org.)

### QUADRO 2

Classificação	Título	Exemplares vendidos
1º	Cadernos de Antropologia	165
2º	Novos pierrôs, velhos saltimbancos	65
3º	A lógica dos sentimentos	48
4º	As mulheres são o diabo	44
5º	História da Arte: ensaios contemporâneos Rio Científico: inovação e memória	43



EdUERJ na Bienal do Livro

### EDUERJ TEM FINALISTA NO PRÊMIO JABUTI PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO

Em 2013, a Editora da UERJ emplacou pela terceira vez uma obra finalista para o Prêmio Jabuti. Na edição deste ano o livro *Literaturas da floresta: Textos amazônicos e cultura latino-americana*, de Lúcia Sá, concorre na categoria Teoria/Crítica Literária. O livro mostra a produção cultural da floresta amazônica e das planícies da América do Sul, território que abriga muitas tribos indígenas e onde vários escritores circularam no decorrer do século XIX, apropriando-se

de enredos e personagens da cultura local. Em 2012 concorreu ao Prêmio Jabuti, na categoria Comunicação, o livro *70 anos de radiojornalismo no Brasil*, organizado por Sonia Virgínia Moreira, e em 2011 foi a vez da Coleção *Ciranda da Poesia*, na categoria Teoria/Crítica Literária.

O Jabuti é o prêmio literário mais importante do Brasil. Sua história começa em 1958, em um período de desafios para um mercado editorial, que tinha recursos



escassos e pouca articulação. Apesar das adversidades, Edgar Cavalheiro e Mário

da Silva Brito – intelectuais, estudiosos da literatura brasileira e dirigentes da Câmara Brasileira do Livro à época – tinham interesse em premiar os autores, editores, ilustradores, gráficos e livreros que mais se destacassem a cada ano. A primeira premiação ocorreu em 1959, contemplando autores como Jorge Amado, na categoria Romance, pela obra *Gabriela, Cravo e Canela*, e a Editora Saraiva como Editor do Ano.



FOTOS: RICARDO ZENTGRAF

Entre os outros títulos que tiveram vendas expressivas estão o volume recém-lançado da coleção Comenius, *A Física na música*, organizado por Maria Lúcia Grillo e Luiz Roberto Perez; *Cultura, memória e poder*, organizado por Geraldo Ramos Pontes Jr, Myrian Sepúlveda dos Santos, Rogério Ferreira de Souza e Victor Hugo Adler Pereira; e *Comunicação, arte e cultura na cidade do Rio de Janeiro*, organizado por Carla Helal e João Maia. O interesse do público pela vida e pela obra do escritor Machado de Assis também chamou a atenção do público nesta edição da Bienal, com uma grande procura pelos títulos: *Machado de Assis – roteiro para a consagração*, organizado por Ubiratan Machado, e *Machado para jovens leitores*, organizado por Ana Cristina Chiara, Antonio Carlos Secchin, Denise Brasil e Ivo Barbieri (org.).

Alguns livros chamaram a atenção por seus autores, como os da professora Leila Maria Torraca de Britto, que atraiu leitores da Psicologia com as obras *Escuta de crianças e adolescentes* e *Jovens em conflito com a lei*. Os autores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa também conquistaram o público com os vários títulos da série Geografia Cultural, entre eles: *Temas e caminhos da geografia cultural*; *Paisagem, imaginário e espaço*; e *Sobre Carl Sauer*. Uma das marcas registradas da EdUERJ, a coleção Ciranda da Poesia, cuja proposta é introduzir os leitores nas novas formas de ler a poesia, vendeu quase 50 exemplares entre os seus diversos títulos.

José Ribamar Bessa Freire, professor da Faculdade de Educação da UERJ e coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas, participou do Café Literário em 2013 e seu livro *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro* também está entre os mais vendidos da Editora. Este ano a EdUERJ ofereceu descontos de 20% para o público em geral e de 30% para professores e alunos da UERJ e para funcionários de editoras e livrarias, um sistema que atraiu número maior de compradores e visitantes para o estande da Editora. Os livros promocionais mais vendidos estão no Quadro 2.

O espaço que a editora ocupa na Bienal é montado em parceria com a FAPERJ e integrado ao estande da Associação Brasileira de Editoras Universitárias. A FAPERJ é a agência de fomento que dá maior apoio aos projetos da Editora, com o financiamento da maioria das publicações conquistado por meio do edital APQ3 – de Auxílio à Editoração – pelos respectivos autores.

## Lançamentos EdUerj

### A FÍSICA NA MÚSICA

*Maria Lúcia Grillo e Luiz Roberto Perez (organização)*

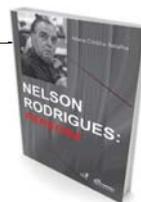
Abordando temas como acústica, ressonância, propriedades das ondas sonoras e ouvido musical, o livro trata do papel da música nos campos da arte e da ciência, sem deixar de lado a sua importância social. Os autores tornam os fundamentos científicos da música mais acessíveis, ao mostrar os “ingredientes invisíveis” que compõem esse tipo de manifestação artística.



### NELSON RODRIGUES: PERSONA

*Maria Cristina Batalha*

O volume investiga os traços mais importantes do universo de Nelson Rodrigues, examinando como o autor se relaciona com a imagem de dramaturgo em entrevistas e aparições públicas. A autora tenta compreender como a imagem autoral de Nelson Rodrigues, marcada por contradições e polêmicas, dialoga diretamente com a criação das tramas e personagens de suas obras.



### O FICTÍCIO E O IMAGINÁRIO – PERSPECTIVAS DE UMA ANTOLOGIA LITERÁRIA

*Wolfgang Iser (tradução de Johannes Kretschmer)*

Referência da área de literatura comparada alemã, Wolfgang Iser é considerado o mais expressivo representante da Teoria da Recepção. Neste estudo ele analisa a ficção de acordo com as teorias científicas modernas, observando as diferentes concepções filosóficas e sociológicas sobre o imaginário em um exercício reflexivo que ajuda a compreender a literatura e a cultura na contemporaneidade. Seu projeto teórico e de pesquisa é voltado para o caráter antropológico da ficção. Se realiza como uma transgressão dos limites impostos pela linguagem, provocando mudanças na maneira como se apreende a realidade, ao sugerir o imaginário como um novo componente de estudo.



### FRANCISCO ALVIM POR LU MENEZES

*Lu Menezes*

Integrante da Coleção Ciranda da Poesia, que pretende introduzir os leitores em novas formas de ler a poesia. Cada modo de leitura, cada orientação ou tendência crítica, corresponde a uma nova ou renovada forma de fazer poesia. Na Coleção, poetas, professores e críticos leem os poemas e fazem uma revisão crítica da geração dos anos 70. Neste volume, o poeta Francisco Alvim é analisado pela poetisa e doutora em literatura comparada Lu Menezes. A trajetória de Alvim começa em 1968 com a publicação de *Sol dos Cegos*. Em 1988, ele recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Poesias Reunidas*.



### SEXUALIDADE ADOLESCENTE COMO DIREITO? A VISÃO DE FORMULADORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS

*Vanessa Leite*

O livro parte da seguinte pergunta: como está sendo concebida e construída a sexualidade de adolescentes como um direito? A partir desta questão a autora mostra como profissionais que deveriam garantir os direitos das crianças e dos adolescentes evocam a sexualidade como um tabu, associando-a a valores negativos.



### CONTRAPONTO - ENSAIOS SOBRE SAÚDE E SOCIEDADE

*Luiz Antonio de Castro Santos (organização)*

Os ensaios desta coletânea, construídos sob perspectiva histórica, analisam também contextos, circunstâncias e problemas atuais com ênfase nos riscos à saúde apresentados pela mídia e pelas autoridades sanitárias. As reflexões propostas por especialistas de diversas áreas do conhecimento incluem desde a desconstrução do pensamento sanitarista da Primeira República até os dias atuais, analisando a vigilância antitabagista, valorizando as Ciências Humanas e Biológicas na definição dos limites da autoridade e da liberdade dos indivíduos diante de processos sanitaristas.



### MULHERES AO ESPELHO – AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO, AUTOFICÇÃO

*Euridice Figueiredo*

Este livro surge da observação da produção literária de autoras francesas contemporâneas, como Lolita Pille, Christine Angot e Catherine Millet, e da maneira por vezes agressiva com que utilizam textos biográficos para expressar a sua sexualidade. O questionamento sobre possíveis paralelos na literatura brasileira é decisivo nesta reflexão, que interliga os processos criativos, as diferenças culturais entre França e Brasil e os caminhos que a mulher escolhe para retratar sua afetividade, relacionando as autoras com o respectivo contexto social de seus países.



### GUIA DE FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL CONSERVADAS NOS INSTITUTOS E ARQUIVOS ITALIANOS

*Adriana Scalera, Barbara Menghi Satorio, Brunela Garavini, Magda Maria Jaolino Torres, Maria Leda de Oliveira, Nicola Pezzi (organização)*

Resultado importante de parcerias técnicas e acadêmicas entre o Brasil e a Itália por meio do projeto Resgate – Barão do Rio Branco, esta obra guia o leitor por inventários de documentos manuscritos selecionados em vários arquivos e institutos de cidades italianas e do Vaticano sobre a história do Brasil colônia e das primeiras décadas do país como nação independente.



## Escritoras moçambicanas apresentam livro sobre violência doméstica

As autoras do livro *Violência Doméstica em Moçambique*, Rosa Langa e Leonor Domingos, estiveram na UERJ no final do mês de agosto, a convite do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, para apresentar seu livro – que reúne relatos de homens e mulheres que sofreram com a violência doméstica naquele país. Este é o terceiro livro da jornalista Rosa Langa, que ficou conhecida no seu país por viajar sozinha pelas províncias à procura de matérias e entrevistas para a Rádio Nacional de Moçambique. “Quando lançamos esse livro, muitos ficaram chocados”, disse Leonor, acrescentando que muitas vítimas não denunciam seus agressores por vários motivos: falta de apoio da família, medo dos parceiros ou por não terem como se sustentar ao se separarem. Com a obra, as autoras esperam incentivar as vítimas a denunciarem esse tipo de violência. A Constituição de Moçambique prevê no seu Artigo 36 – Princípio da Igualdade de Gênero – a igualdade entre homens e mulheres perante a lei, em todos os domínios da vida política, econômica, social e cultural. Em 2009 o Parlamento aprovou a Lei sobre a Violência Doméstica que protege mulheres, crianças e homens. As autoras destacam, porém, que o problema da violência doméstica em Moçambique atinge principalmente as mulheres.

Para Rosa Langa, a Lei deu os primeiros passos para modificar a situação de homens e mulheres, principalmente nos centros urbanos. A próxima etapa, segundo ela, é dar a conhecer o conteúdo da Lei a homens e mulheres que moram nas regiões rurais, para que as vítimas saibam que podem denunciar esse tipo de violência: “O que está faltando, na verdade, é que esta Lei, através de organizações responsáveis, chegue até o interior e alerte a todos aqueles que são vítimas a se defenderem”. Antes da Lei, os crimes contra violência doméstica eram julgados como crimes particulares. Depois da Lei específica foram abertos gabinetes de atendimento em diferentes áreas, com apoio jurídico, médico e psicológico e que estão preparados para receber as vítimas: “Muitas mulheres correm risco de vida se retornarem às suas casas ou há situações em que as vítimas estão muito feridas e necessitam de cuidados”, descreve Rosa. Nos abrigos, as mulheres podem aprender

uma profissão, já que muitas dependem dos maridos para se sustentarem. Os agressores podem receber pena de 6 meses a 24 anos (pena máxima em Moçambique).

Entre os países africanos, Moçambique encontra-se hoje em uma situação mais avançada no cuidado às mulheres e na igualdade de direitos entre os gêneros. Países como a Somália e a República Democrática do Congo, por exemplo, são constantemente apontados como alguns dos piores lugares para as mulheres. As moçambicanas são atendidas de forma gratuita pelo governo desde o período de gestação até a maternidade, com internação, alimentação no hospital, vacinas aos recém-nascidos e acompanhamento pós-maternidade. “Há um processo em nível de governo que contribui para o bem estar das mulheres e respectivas crianças”, diz Rosa. Mesmo nas comunidades rurais, onde não há maternidades há parteiras capacitadas e que encaminham as mulheres e recém-nascidos aos hospitais. “Na política, somos o país da África com o maior número de mulheres no Parlamento. Esse número é maior, inclusive, que em alguns países da Europa”, informa a jornalista.

As autoras explicam que durante o período longo de guerra civil em Moçambique, muitos homens morreram: atualmente a proporção é de um homem para dez mulheres. Por isso, não é incomum existir famílias com um marido e várias esposas: “Estamos em África. Há poligamia sim, mesmo que não autorizada pelo governo”, diz Rosa. Ainda que seja difícil lutar contra a poligamia por causa da situação do país, a jornalista defende que as mulheres devem ser bem tratadas por seus maridos: “Meu avô tinha três esposas e ele sempre tratou as três muito bem”.

No Brasil, há sete anos a Lei Maria da Penha combate a violência contra as mulheres. Pesquisa de 2013 realizada pelo Data Popular e pelo Instituto Patrícia Galvão, intitulada “Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres”, demonstrou que para 70% da população, a mulher sofre mais agressões dentro de casa do que em espaços públicos. Apenas 2% da população nunca ouviram falar da Lei Maria da Penha. Para 86% das pessoas entrevistadas na pesquisa, as mulheres passaram a denunciar mais os casos de violência doméstica depois da Lei.

## Parceria entre UERJ e UFRJ debate arte e diversidade sexual



ANA PAULA RIBEIRO

Exibição do filme "Doce Amianto" no Teatro Odylo Costa, Filho

A diversidade sexual e suas manifestações artísticas foi o tema central de um dos eventos culturais do mês de setembro na Universidade, resultante de parceria entre o Departamento Cultural, vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O evento CAMP! – Arte e Diferença reuniu mostra de filmes, exposição, debates e palestras – como a do escritor e crítico literário Silviano Santiago e a do deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ).

Idealizado pelo professor da Escola de Comunicação da UFRJ Denilson Lopes, o CAMP! recebeu financiamento da FAPERJ e isso permitiu que a UERJ comprasse um projetor digital para exibições de vídeo na Concha Acústica da Universidade, atividade que não acontecia desde 2005. Da organização do evento participaram os três setores do Departamento Cultural: a Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação, a Coordenadoria de Exposições e a Divisão de Teatro. “O que fizemos foi utilizar um tema transversal, o da diversidade sexual, para articular a programação cultural da Universidade em um trabalho integrado”, explica Rafael Nacif, do Departamento Cultural.

O nome do evento está ligado a um artigo de 1964 da escritora e ativista política americana Susan Sontag, intitulado *Notes On "Camp"*. Denilson Lopes explica que a expressão *Camp* indica uma sensibilidade marcada pelo exagero, pela artificialidade e pela afetação e pode ser aceito como visão estética diferente e como comportamento,



Fotografias sobre diversidade sexual em exposição na Galeria Cândido Portinari

com posturas e trejeitos teatralizados normalmente associado aos gays. Apresentações de *drag queens*, filmes do cineasta americano John Waters, canções de “dor de amor” e o culto a divas da música pop estão entre as produções que se enquadrariam como parte da sensibilidade *Camp*.

De modo geral, o *Camp* oferece um contraponto e uma rejeição ao que é oficialmente legitimado como sinônimo de bom gosto na arte e na cultura, além de não ser exclusivo da comunidade LGBT. “Seria uma sensibilidade gay, mas não necessariamente só de pessoas gays. É algo que ultrapassa o gueto, por isso o termo possibilita um diálogo entre os diferentes gêneros, o que é a intenção do evento”, pontua o professor Denilson.

Com base nesse conceito foi organizada uma programação plural. O seminário *CAMP! Afetos e Poses*, por exemplo, tratou de questões culturais e artísticas ligadas à comunidade LGTTTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais e Intersexuais). As mesas de debates, composta por pesquisadores da UFF, da PUC

Rio, da UFPB e da UERJ, abordaram o tema no âmbito da mídia, da atualidade e da produção artística. O deputado Jean Wyllys recorreu a situações vivenciadas por ele para conectar a ideia de *Camp* ao panorama histórico do universo homo afetivo, em especial no Brasil: “Se a academia tem hoje um papel que deve cada vez mais ser ressaltado é o do enfrentamento ao senso comum”, argumentou. Sobre o projeto do professor Denilson, Jean Wyllys disse que “é necessário para discutir como se dão essas representações, quais são os seus elos com o modo de vida: pensar os artistas, as expressões artísticas que dialogam com a cultura LGBT, para mostrar como eles podem desconstruir os estereótipos da cultura de massa”.

*CAMP! – Arte e Diferença* também incluiu uma exposição com o mesmo nome, com curadoria do professor Marcelo Campos, do Instituto de Artes da UERJ. Montada na Galeria Cândido Portinari, reuniu fotografias, instalações interativas, vídeo e pinturas de artistas do Brasil e do exterior. Selecionados de acordo com a estética *Camp*, os trabalhos mostraram uma mistura de cores, caso da instalação do coletivo *Moleculagem*, o excesso nas série intitulada *Macho Toy*, de Fábio Carvalho, e a indefinição de gêneros nas fotografias de Sebastián Freire.

A abertura da mostra de filmes com o longa-metragem *Madame Satã*, de Karim Ainouz, marcou a primeira exibição de um filme na Concha Acústica da Universidade em oito anos, que se tornou possível com o uso de um projetor digital de 10mm, ideal para grandes espaços. O equipamento incorporado ao patrimônio da UERJ vai permitir a exibição regular de filmes na Concha Acústica.

Na realização do *CAMP! – Arte e Diferença*, o professor Denilson destacou o apoio dos professores Ricardo Freitas, da Faculdade de Comunicação Social, Sérgio Luís Carrara, do Instituto de Medicina Social, e de Aureanice de Mello Correa, do Instituto de Geografia. As atividades se estenderam até o dia 4 de outubro, quando foi encerrada a exposição na Galeria Cândido Portinari.

## Projeto pretende melhorar atendimento à saúde na Baixada Fluminense

Com a proposta de reestruturar a atenção básica à saúde na região da Baixada Fluminense, prefeitos dos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, São João de Meriti e Seropédica procuraram a UERJ para elaborar uma proposta de ampliação da rede de atenção básica. Assim, a Universidade, o Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense (Cisbaf) e os secretários de saúde desses 11 municípios elaboraram um projeto que será apresentado à Presidente Dilma Rousseff e ao Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, para a obtenção de recursos.

Uma reunião inicial identificou que, para melhorar a saúde da região, seria necessário aprimorar a chamada assistência primária à saúde e focar no Programa de Saúde da Família, em clínicas da família e em postos de saúde. Essa atenção primária evita que doenças se agravem ao longo do tempo, com o tratamento realizado no início dos sintomas. As prefeituras perceberam, porém, que existia uma discrepância entre os 11 municípios que formam o consórcio em relação a cobertura, oferta e salários pagos aos profissionais.

A UERJ foi convidada para organizar essas discrepâncias, desenvolver uma metodologia de trabalho e a proposta de projeto juntamente com o Cisbaf e os secretários de saúde. Em encontro com os prefeitos, o Reitor Ricardo Vieiralves criou um grupo de trabalho técnico que inclui a Superintendência de Saúde da UERJ, representada pelo professor Edmar dos Santos, o Instituto de Medicina Social (IMS), representado pelo professor Mário Dal Poz e a Faculdade de Enfermagem, representada pela professora Helena David, além dos professores Márcio Tadeu Francisco e Maria Virgínia Godoy.

Na primeira parte do projeto foi realizado um levantamento para estimar o custo com recursos humanos, exames laboratoriais e radiologia necessários ao atendimento da população, baseado em estatísticas do Ministério da Saúde e do IMS – que já fazia um estudo direcionado para a Baixada Fluminense. A meta é alcançar 50% de cobertura da estratégia de saúde em 2014 e 70% em 2015. Hoje a média de cobertura na Baixada está em torno de 20%. Apenas três cidades estão acima de 50% mas mesmo



Reunião da UERJ com secretários municipais e equipe técnica

esses municípios não possuem equipes completas: o médico ainda é a principal ausência, explica o superintendente de saúde da UERJ.

Para o professor Edmar, um dos motivos para o déficit de profissionais na região da Baixada deve-se ao fato de a cidade do Rio de Janeiro ter aprimorado o seu sistema de atenção básica oferecendo melhores salários e se tornando polo de captação de recursos humanos. Outro problema, segundo o professor Mário Dal Poz, é a diferença de salário entre os próprios municípios da Baixada: “Elaboramos um estudo sobre as características da população de cada cidade, sobre a cobertura de atenção básica hoje nesses locais e indicando o que precisaríamos de recursos financeiros para atingir as metas propostas de 50% e 70% – inclusive adequando os salários de quem já está trabalhando. Isso gerou um montante de recursos mensais para custeio de folhas de pagamento e outro de recurso anual para custeio dos exames laboratoriais”. Também faz parte do projeto a proposta para que os exames sejam feitos em um laboratório central – que ficará localizado provavelmente na UERJ – com capacidade atender 90% dos casos, com os excedentes usando laboratórios de referência e contrarreferência públicos ou privados.

### Desdobramentos

O plano concebido pela equipe de cooperação técnica também prevê alguns desdobramentos, como reuniões conjuntas e permanentes dessa equipe com os secretários de saúde dos 11 municípios ou seus prepostos: “Se conseguirmos o recurso

temos que ter uma estratégia de seleção e treinamento desses profissionais”, diz Edmar dos Santos. A UERJ será responsável pelo treinamento e manutenção desses profissionais de saúde e também pela gestão da informação, com a criação de um programa de acompanhamento de indicadores que identificará se as metas estabelecidas estão sendo atingidas. O programa de Telessaúde da Universidade também irá auxiliar os profissionais, que poderão tirar dúvidas ou revolver problemas por meio de teleconferência. De acordo com o superintendente de saúde, esses desdobramentos terão como foco a educação (formação), o acompanhamento da gestão por indicadores de qualidade, e a retaguarda científica por meio do Telessaúde e de um laboratório de referência.

Com a liberação dos recursos financeiros o projeto entrará nas primeiras fases, que preveem seleção de recursos humanos, treinamento e, em seguida, acompanhamento da formação e da prática no local. Com o recurso e os profissionais contratados, em aproximadamente seis meses a população poderá começar a sentir diferença no atendimento. Para o professor Edmar, “a UERJ terá um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida da população da Baixada Fluminense, que representa uma fração importante da população do estado do Rio de Janeiro. Uma das formas da UERJ devolver à sociedade o que é investido na Universidade é participar, junto com o governo do estado e de municípios, da elaboração de políticas, estudos e tecnologias para auxiliar nos desafios que aparecem”.

## Ensino, pesquisa, extensão e cultura movimentam a Universidade na 24ª edição do UERJ sem Muros

Cinco dias repletos de atividades em que alunos, professores, estudantes do ensino médio e técnicos-administrativos movimentaram toda a Universidade, apresentando a produção acadêmica realizada nas diversas áreas de conhecimento, envolvendo ensino, pesquisa, extensão e cultura: assim foi a 24ª edição do UERJ sem Muros, ocorrido entre 23 e 27 de setembro no *campus* Maracanã.

Uma realização conjunta das Sub-reitorias de Graduação, de Pós-graduação e Pesquisa e de Extensão e Cultura, o UERJ Sem Muros anual abriga outros eventos em sua programação, que em 2013 foram a 13ª Semana de Graduação; a 22ª Semana de Iniciação Científica; a 24ª Feira de Prestação de Serviços, o 10º Espaço Ciência e a 17ª Mostra de Extensão. Este ano a Semana de Graduação inovou ao exibir seus projetos (743 no total) no corredor da Concha Acústica, espaço externo do *campus*, o que gerou uma interação positiva entre os apresentadores dos trabalhos e as pessoas que passavam pelo local, segundo Celly Cristina Saba, da Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação da SR1. Na graduação houve com um acréscimo de 10% em relação ao número de pesquisas apresentadas em 2012. Segundo Celly, “o que impacta mais é ver os alunos, principalmente os dos *campi* externos, os professores e os técnico-administrativos participando efetivamente do evento. São pessoas que contribuem para a nossa Universidade e para o desenvolvimento da educação”.

A Semana de Iniciação Científica mostrou resultados positivos em sua 22ª edição, segundo Ana Claudia Damit, coordenadora do evento. No total, 822 trabalhos foram apresentados em sete áreas distintas (Ciências Biológicas; Humanas; Saúde; Exatas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais). Ana Claudia destacou a utilização das redes sociais nesta edição do evento como uma ferramenta importante para a divulgação: “Tivemos um evento bastante tranquilo. Notamos o engajamento e a participação ativa tanto dos alunos quanto dos avaliadores”.

Participando da Semana de Iniciação Científica desde 2012, a professora Luzineide Tinoco, avaliadora externa da UERJ sem Muros na área de Química, elogiou a organização do evento e os trabalhos apresentados.



Para ela, houve aumento na qualidade dos projetos, na apresentação visual dos painéis e nas apresentações das pesquisas. “Fico feliz em ver os trabalhos muito bem apresentados, os alunos preparados e mostrando uma perspectiva futura para as pesquisas. A gente que faz ciência precisa ter paixão pelo que faz”, disse a professora.

Para a Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, professora Monica Heilbron, a importância desse evento está no primeiro contato com a pesquisa para muitos alunos: “Este é o momento máximo da Iniciação Científica. Nele, os alunos socializam os trabalhos, conhecem os projetos dos colegas e têm a oportunidade de

discutir seus temas com pesquisadores de dentro e de fora da UERJ”.

Há cinco anos como orientadora projetos de Iniciação Científica Júnior, Maria Porto, professora de Física do Colégio de Aplicação da UERJ, exibiu juntamente com seus alunos um projeto de inserção da robótica no ensino médio: “O trabalho envolve diversos conceitos físicos e, ainda, funciona como um incentivo aos alunos em relação à participação no mundo da pesquisa”, explicou. A estudante do ensino médio, Camila Luna, foi uma das alunas do CAP/UERJ a apresentar trabalho. Ela conta que, para a pesquisa, precisou programar e montar um robô, tendo contato com vários *softwares* e

disciplinas que lhe deram uma visão mais ampla do que encontrará na Universidade: “Sinto-me realizada. Vi que o trabalho, o esforço e a dedicação valeram a pena e que as pessoas se interessaram pelo que produzi”.

A 24ª Feira de Prestação de Serviços, que oferece gratuitamente às comunidades interna e externa serviços nas áreas de Saúde; o 10º Espaço Ciência, que organiza oficinas e mostras de experimentos de Física, Paleontologia, Oceanografia, Biologia, Arqueologia e Design; e a 17ª Mostra de Extensão, que divulga os trabalhos extensionistas desenvolvidos ao longo de 2013, somaram 471 trabalhos. Além disso, atividades culturais como peças de teatro, exposições e apresentações de dança e música foram realizadas pela Sub-reitoria de Extensão e Cultura.

Cerca de 4.000 alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares do Rio e de outros municípios visitaram os eventos do UERJ sem Muros e o Planetário. “Estes momentos são importantes para os alunos que apresentam os trabalhos, que aprendem a melhor se colocar em público; para os próprios professores, que ficam a par de novas pesquisas; e, ainda, para os alunos do ensino médio, que têm a oportunidade de conhecer a UERJ”, disse a diretora do Departamento de Extensão, Nádia Pimenta.

Curiosa por conhecer o Espaço Ciência a estudante de Pedagogia da UERJ, Caren Natasha Gonçalves, viu ossadas, pedras de quartzo e calcário, cogumelos e, ainda, um peixe-morcego: “É uma experiência diferente. São temas que a gente não tem no nosso dia a dia”. A professora Andreia Goes, do departamento de Ensino de Ciências e Biologia, frisou a importância de se divulgar a ciência em eventos como este: “É um estímulo não só aos nossos alunos como também à própria população”. No dia 13 de novembro, as três Sub-reitorias premiarão os melhores trabalhos apresentados. A premiação será realizada na Capela Ecumênica, às 10 horas. Na ocasião, a SR1 concederá dez prêmios, a SR2 vai conceder 9 prêmios de iniciação à ciência (quatro para cada uma das grandes áreas – Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, Ciências da Vida e Ciências Humanas, Sociais, Letras e Artes) e três para Iniciação Científica Júnior; e a SR3 premiará cinco trabalhos.